

## Oriente Médio

# A aposta de Abbas

## O palestino acha que o tempo é o dele, não o de Sharon



Abbas e Sharon/ Reuters

A eleição do Mahmoud Abbas como presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), da forma como se deu, por larga margem diante do segundo colocado, mostrou que os palestinos vivem um momento de contradição. Pesquisas de opinião pública (ver **O caminho de Abbas** à p. 23) mostram claramente que eles avaliam que a resistência armada foi a principal responsável pelas conquistas que obtiveram até aqui,

não as negociações. Mas os resultados também indicam que há grande disposição em chegar a um acordo com os israelenses por meios pacíficos.

Essa aparente ambigüidade se explica provavelmente pelo esgotamento provocado pela violência desencadeada com a segunda Intifada, que tornou a vida cotidiana dos que vivem na Cisjordânia e na Faixa de Gaza extremamente difícil. Relatório do Banco Mundial de novembro passado indica que 47% da população palestina vive abaixo da linha de pobreza, recebendo menos de US\$ 2,10 por dia. Uma razão básica dessa precaríssima situação está nas medidas adotadas pelo governo de Israel nos últimos quatro anos, que cercearam drasticamente o movimento dos palestinos: eles passaram a ter enormes dificuldades para trabalhar em Israel, uma de suas principais fontes de emprego. Segundo as Nações Unidas, antes, cerca de 125 mil pessoas de toda a Faixa de Gaza trabalhavam em Israel, mas agora são apenas 25 mil. E de acordo com o Banco Mundial, 50% dos palestinos de Gaza estão desempregados.

O governo israelense, com o primeiro-ministro Ariel Sharon à frente, alega que medidas desse tipo (entre as quais podemos incluir a construção do muro de quase 700 km, que isola inúmeras cidades palestinas na Cisjordânia) são proteção contra os ataques armados dos militantes palestinos. Mas não diz que a violência da segunda Intifada surgiu a partir de uma atitude provocativa do próprio Sharon em 2000, quando ainda era um simples parlamentar, ao realizar uma visita à Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém Oriental. Nem que isso se deu num momento de enorme frustração para os palestinos, quando o Acordo de Oslo, que previa a criação de um Estado independente, estava paralisado devido a divergências a respeito das áreas ocupadas da Cisjordânia a serem transferidas aos palestinos e das questões de Jerusalém e dos refugiados.

Desde então morreram cerca de mil israelenses e até quatro vezes mais do lado palestino. Com a eleição de Abbas, Sharon (na foto, com o dirigente palestino em 2003) disse que se abria uma nova oportunidade de negociação entre os dois

lados. Mas que espécie de oportunidade é essa? Segundo Hussein Agha e Robert Malley, autores de um artigo publicado recentemente na revista americana *The New York Review of Books*, trata-se de algo ultra limitado. Basicamente, dizem eles, Sharon pretende “despolitizar” as negociações com os palestinos, reduzindo-as a aspectos estritamente administrativos. Ele quer que por algum tempo os palestinos coloquem em segundo plano a idéia de ter um Estado independente e se concentrem em realizar reformas na ANP e garantir a segurança de Israel, controlando de alguma forma os grupos militantes. Faz parte de sua tática, segundo esses autores, transferir para a ANP o controle da Faixa de Gaza, onde cerca de 1,3 milhão de palestinos vivem em condições precárias. Envolvidos nessa tarefa, sob observação de todo o mundo, a Autoridade Palestina não teria como levar adiante com o vigor necessário a luta mais geral pela criação de um Estado tendo como capital Jerusalém e nem zelar pelo direito de retorno dos milhões de refugiados espalhados pelos países árabes vizinhos.

**Arrumar a casa** Sharon contaria com apoio principalmente dos EUA e, em menor escala, dos países europeus e até dos árabes, que veriam a iniciativa como um embrião de Estado palestino, o que poderia significar a possibilidade de dar alguma estabilidade política à região. Com isso, a questão do Estado palestino definitivo poderia ser jogada à frente, talvez para as próximas gerações.

Para Agha e Malley, Abbas estaria propenso a aceitar uma situação desse tipo por razões evidentemente diferentes das de Sharon. O dirigente palestino, que há muito tempo já se manifestou contrário à violência da Intifada, também quer arrumar a casa, mas para num segundo momento, não distante quanto o previsto por Sharon, voltar a politizar a luta. Parece tratar-se, portanto, de uma questão de tempos diferentes.

Uma de suas dificuldades é que para garantir a segurança de Israel ele precisa manter acordos políticos com os grupos militantes palestinos, até porque as forças de segurança sob seu comando são precárias. Mas esses acordos dependem em grande parte do comportamento de Israel: atitudes provocativas dos israelenses podem acabar rapidamente com qualquer trégua que ele negocie com os grupos.

Abbas parece ter ganho largamente a preferência dos palestinos na eleição presidencial por ser visto como o interlocutor com quem os israelenses estão dispostos a conversar, com o apoio inclusive das grandes potências. É preciso ver, no entanto, se nos próximos meses ele será capaz de arrancar de Sharon concessões que aliviem o dia-a-dia dos sofridos palestinos e que abram perspectivas para continuar a luta mais ampla de seu povo. Se o seu *timing* falhar e o de Sharon estiver certo, o apoio que obteve na eleição presidencial pode rapidamente virar fumaça. ■